

**FALA [ø] E ESCREVE [ø]:  
VARIAÇÃO DO RÓTICO  
EM POSIÇÃO DE CODA  
NA ESCRITA ESCOLAR DE  
UBERABA/MG**

*Variation of rhotic in  
coda position in school  
compositions in Uberaba-MG*

Marcus Garcia de SENE (FCLAr)

Caio Santilli ORANGES (FCLAr)

SENE, Marcus Garcia de; ORANGES, Caio Santilli. FALA [ø] E ESCREVE [ø]: VARIAÇÃO DO RÓTICO EM POSIÇÃO DE CODA NA ESCRITA ESCOLAR DE UBERABA/MG. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 165-181, jan./jun. 2017.

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo principal analisar um fenômeno fonético-fonológico variável, sendo ele o apagamento ou manutenção do /R/. Procuramos investigar a influência da fala na escrita dos alunos do Ensino Fundamental II, da cidade de Uberaba/MG. Em outras palavras, verificaremos se o fenômeno, tão marcado na oralidade, será também marcado na escrita dos alunos, evidenciando, portanto, o funcionamento da modalidade oral no texto escrito. Para isso, foram analisadas 70 redações produzidas por alunos do 6º ano de duas diferentes escolas públicas de Uberaba-MG. De posse do material, os textos foram lidos e, posteriormente, selecionadas as ocorrências que serão ponto de partida para a análise linguística. Para a análise, observamos: (a) A manutenção ou apagamento do /R/ em verbos e (b) A dimensão das palavras: monossilábicos, dissilábicos, trissilábicos e polissilábicos. Foram encontrados 420 vocábulos verbais, entre os quais a

manutenção do /R/ apresentou uma frequência bem menor, 122 ocorrências (29,05%), enquanto 298 (70,95%) sofreram apagamento do segmento consonântico em posição de coda silábica. O conhecimento sobre a variação linguística na fala é muito importante para o processo de letramento. Nesse sentido, justifica-se a importância do trabalho com corpus escrito, posto que os trabalhos anteriores que analisaram o presente fenômeno são apenas em corpus de língua falada, justificando a inovação da presente pesquisa. Com isso, conclui-se que a interferência da fala para a escrita fica clara nesse trabalho, uma vez que o fenômeno analisado é frequente na fala, e os alunos, desconhecendo a inter-relação entre a fala e a escrita, acabam transpondo para seus textos os hábitos comuns da fala.

**Palavras-chave:** Oralidade. Escrita. Variação.

**Abstract:** This article aims mainly to analyze a variable phonetical and phonological process, which is the erasing or keeping of the /R/ phoneme. Therefore, the investigation is based on the influence of the speaking on writing of elementary school students from Uberaba/MG. In other words, we ascertain if the process described above is as present on writings as it is on speaking of these students, trying to evidence how orality can influence a written text. To do that, 70 writings from the students were analyzed, and two important factors were taken into consideration: (a) keeping or erasing of /R/ in verbs and (b) extension of the word: number of syllables. 420 words were found and the keeping of /R/ had a very lower frequency, with 29,05% of the total. On the other hand, the erasing of /R/ presented 70,95% of occurrence. Thus, we observed that the knowledge of linguistic variation is extremely important for the process of language teaching. Furthermore, the importance of articles and researches with writing texts as this one is evident, because similar works of this process were all based on spoken corpus, which makes this article innovative. So, we conclude that the influence of speaking on writing is apparent, once the analyzed process is so frequent on students speaking and they reflect that on their writings, because the knowledge of the relation between speaking and writing is not clear.

**Keywords:** Orality. Writing. Variation.

A fala de hoje tende a projetar a gramática de amanhã, do mesmo modo que a gramática de hoje deveria projetar a fala de ontem.

Meillet (1965)

## Introdução

A Língua Portuguesa é bastante diversificada devido à extensa faixa territorial que ocupa no Brasil, o qual foi colonizado por diferentes países, tornando-se, dessa forma, um território rico em diversidade, sobretudo linguística. Essa colonização pluralizada contribuiu para reunir, em um só território, falantes de um português variado, posto que os fatores socioculturais são fulcrais na dinamização das variações da língua e podem, sobretudo, ser facilmente atestadas ao longo do país. Assim, Camara Jr (1985) destaca que:

Uma diferenciação dialetal explica-se, sempre, em partes pela história cultura e política e pelos movimentos de população, e, de outra parte, pelas próprias forças centrífugas da linguagem humana, que tendem a cristalizar as variações e criar dialeção em qualquer território relativamente amplo e na medida direta do maior ou do menor isolamento das áreas regionais em referência ao centro linguístico irradiador (CAMARA JR, 1985, p. 11).

Nesse sentido, os róticos, principalmente em posição final, são mais propensos à variação (OLIVEIRA, 2001). As variantes para eles podem se apresentar sob as formas de: fricativa velar [x], a fricativa glotal [h], a vibrante simples [r], a vibrante múltipla [r̥], o retroflexo [ŕ] e o zero fonético [∅]. No interior de Minas Gerais, como no caso da cidade foco desta pesquisa, é comum o uso do retroflexo em final de sílaba e final de palavra. Sobre este aspecto, é inquestionável que um dos campos em que a variação linguística se mostrou bastante fértil foi o da fonética, como visto nos trabalhos de Labov (2008).

Por isso, trabalhos que têm como objetivo averiguar esse apagamento em corpus de língua falada são recorrentes. Autores como Callou (1979), por exemplo, que analisou 55 informantes, buscando atestar o apagamento do /R/ na pronúncia carioca, constataram, basicamente, que a queda desse fenômeno se dá, de maneira geral, em todo o corpus analisado, com especial atenção às mulheres, que optaram pelo apagamento do /R/ com maior frequência.

A manutenção ou apagamento do fonema /R/, no Português Brasileiro (doravante PB), é um fenômeno relevante para a descrição do português. Em decorrência do grande número de trabalhos que envolvem a análise desse processo em língua falada, optamos, nesta pesquisa, pelo trabalho com o texto escrito, buscando atestar a interferência da oralidade na escrita. Ainda, destacamos que a opção pela nomenclatura de “apagamento” ocorre uma vez que o aluno reconhece a existência<sup>1</sup> do fonema, mas não o realiza por motivações diversas, sendo uma delas a que buscamos atestar com o corpus selecionado.

Nos últimos anos, observou-se um crescente número de trabalhos que têm se preocupado com aspectos da oralidade na escrita, assumindo a perspectiva que não existe uma primazia da escrita sobre a fala. Autores como Marcuschi (2007), por exemplo, já destacaram a relevância do trabalho com as duas modalidades em sala de aula, além de apontar a relevância do continuum que existe entre essas duas

<sup>1</sup> Os alunos reconhecem a existência do fonema, uma vez que, em verbos propensos ao apagamento, eles fazem a marcação do /R/ no infinitivo.

modalidades. A este respeito, este autor afirma:

Minha posição é a de que fala e escrita não são propriamente dois dialetos, mas sim duas modalidades de uso da língua, de maneira que o aluno, ao dominar a escrita, se torna bimodal (MARCHUSCHI, 2007, p. 32).

Para que seja possível a compreensão dessas duas modalidades, é fulcral o papel do professor e a consciência da realidade sociocultural do aluno. Outro aspecto relevante a destacar é a ausência da discussão que envolve a dicotomia grafema x fonema, pois a dificuldade de se representar na escrita a cadeia da fala será sempre algo que trará confusão a alunos de diferentes séries.

Nas escolas de modo geral, observa-se uma exclusão da interferência da oralidade na escrita, desconhecendo sua importância, bem como que o processo de alfabetização é o espaço em que o aluno adquire (ou deveria) a convenção ortográfica. Dessa maneira, aparecem, em seus textos, alguns desvios ortográficos que estão relacionados, conforme Bortoni-Ricardo (2005), em sua maioria, a aspectos fonológicos já existentes na língua.

Nesse sentido, este trabalho tem como principal objetivo analisar um fenômeno fonético-fonológico variável, atestado por diversos pesquisadores (CALLOU; MORAES; LEITE, 1998; OLIVEIRA, 1999). O objetivo é investigar, também, a influência da fala na escrita de alunos do Ensino Fundamental II, da cidade de Uberaba-MG. Em outras palavras, procuramos verificar se o fenômeno que é tão marcado na fala o será também nos textos dos alunos, buscando evidenciar aspectos da interferência da oralidade na escrita. O estudo em questão se torna primordial por seu caráter investigativo da realidade linguística mineira, somando-se a outros trabalhos que buscam fazer um retrato do dialeto mineiro contemporâneo.

### **Varição linguística: as contribuições para o ensino de Língua Portuguesa**

O caráter heterogêneo da língua já foi discutido e confirmado por diversos linguistas (MOLLICA; BRAGA, 2004; BORTONI-RICARDO, 2005; WEINREICH, LABOV, HERZOG 2006; LABOV 2008), os quais concluíram que variação e mudança linguística são fenômenos inerentes às línguas, uma vez que podemos encontrar diferentes formas de dizer uma mesma coisa. Estas variações, portanto, são o objeto de estudo

da Sociolinguística, visto que essa corrente teórica já postulou que o caráter heterogêneo da língua é sistemático e possível de ser descrito e analisado.

Nesse sentido, a variação linguística é parte crucial e constitutiva do sistema linguístico. A variação, de acordo com os pressupostos da Sociolinguística, é condicionada por alguns fatores como: a) relações simétricas ou assimétricas entre falante e interlocutor, particularmente, relações de poder e solidariedade; b) contexto social (casa, escola, trabalho, igreja, vizinhança); e c) tópico discursivo (LABOV, 2003). Destaca-se, também, que as diferenças estruturais, da língua falada, estão relacionadas com fatores fonético-fonológicos, morfossintáticos, fonéticos, semânticos, lexicais e até discursivo-pragmático.

No que concerne ao ensino de Língua Portuguesa, por exemplo, uma das principais contribuições da Sociolinguística para o ensino de língua materna foi a noção de erro, visto que, para essa corrente, tal conceito foi substituído pelo de adequado x inadequado. A proposta é apresentar aos alunos que a língua deve se adequar ao contexto de uso, sendo adequada e inadequada dependendo de onde e como for empregada.

Pensar a Sociolinguística com fins educacionais é atentar às investigações que apresentem a relação entre os fenômenos linguísticos e sociais que visam corroborar com o ensino de língua, demonstrando, sobretudo, existirem uma gama de variedades linguísticas que não são melhores ou piores. Com essa discussão, é preciso perpetuar, portanto, que cada variedade linguística tem um valor social e deve ser respeitada. É preciso, ainda, compreender que a escola é espaço de respeito às demais variedades e aprendê-las permitirá aos alunos ascender socialmente, sendo essa a norma padrão, visto que esta é chave de entrada dos empregos, concursos públicos e etc.

As contribuições da Sociolinguística já podem ser observadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) em que se observam, repetidas vezes, menções aos conceitos que são oriundos de um novo pensamento sobre a linguagem. O avanço nas produções com fins a produzir conhecimento científico, atualmente, tem aumentado extraordinariamente. Porém, transpor esse conhecimento para a sala de aula ainda é um desafio que precisa ser enfrentado. A este respeito, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) defendem que:

(...) não são os avanços do conhecimento científico por si mesmos que produzem as mudanças no ensino. As transformações

educacionais realmente significativas — que acontecem raramente — têm suas fontes, em primeiro lugar, na mudança das finalidades da educação, isto é, acontecem quando a escola precisa responder a novas exigências da sociedade. E, em segundo lugar, na transformação do perfil social e cultural do alunado: a significativa ampliação da presença, na escola, dos filhos do analfabetismo — que hoje têm a garantia de acesso, mas não de sucesso — deflagrou uma forte demanda por um ensino mais eficaz (BRASIL, 1997. p. 21).

Bortoni-Ricardo (2013) enfatiza o papel singular do professor de Língua Portuguesa frente a essas mudanças evidenciadas nos PCN, destacando que é tarefa do discente refletir sobre a língua materna, ampliando suas tarefas comunicativas. Apesar de tantas mudanças sociais e das grandes contribuições das pesquisas de cunho variacionista, a língua ainda se constitui como um profícuo veículo de exclusão social, uma vez que ela se revela um importante indicador da estratificação social. O professor, quando desconhece a importância das demais variedades, acaba corroborando para colocar os alunos à margem da sociedade, posto que acredita que a variedade que o aluno carrega consigo é errada e mal interpretada, e portanto não deve ser respeitada.

### **Inter-relações entre oralidade e escrita**

Sabe-se que a fala é anterior à escrita e que todas as comunidades possuem uma tradição oral que, conseqüentemente, evolui ao longo da história, mas nem todas possuem uma cultura gráfica, como os Incas e algumas tribos indígenas. Caracterizada como um bem social indispensável e símbolo de educação, a escrita vem ganhando uma importância superior à fala, remontando à ideia de que a fala é o espaço do caos e da informalidade, enquanto a escrita é estruturalmente mais organizada e, conseqüentemente, prestigiada.

As diferenças entre fala e escrita, conforme aponta Marcuschi (2007), devem ser definidas pelo uso e não pelo sistema. Existe um continuum (MARCUSCHI, 2007) muito sutil entre as duas modalidades a ponto que as semelhanças entre elas se sobrepõem às diferenças, tanto em aspectos linguísticos quanto sociocomunicativos. Com isso, é preciso averiguar, a partir das palavras do autor, que ambas as modalidades não são dicotômicas, desmistificando, portanto, o caráter superior da escrita frente à fala. A este respeito, Marcuschi (2001, p. 10) afirma que:

Não se deve analisar as relações entre língua oral e escrita em uma perspectiva dicotômica, pois assim estaríamos atribuindo à

modalidade escrita um caráter explícito, planejado e elaborado, ao passo que à modalidade oral caberia a implicitude, o não-planejamento e a falta de elaboração (MARCUSCHI, 2001, p. 10).

É fulcral destacar, portanto, que, seguindo essa perspectiva, a fala não é lugar da informalidade e nem a escrita o da formalidade, já que características como essas são atribuídas tendo em vista a maneira de se usar a língua e não são características inerentes de uma modalidade ou de outra. Outro ponto importante a ser destacado aqui é que, na Educação Básica, os textos escritos são apresentados de maneira oposta aos textos orais. Nessa visão, o texto escrito é considerado como “formal”, e, por isso, as regras da gramática normativa devem ser respeitadas.

Quando o professor não compreende de maneira satisfatória a inter-relação entre oralidade e escrita, acaba comprometendo o processo de letramento e alfabetização, uma vez que o sistema ortográfico (a escrita) não é convencionado por meio dos sons produzidos pelos falantes. A relação entre grafema e fonema traz inúmeras confusões para o processo de aquisição de escrita. De modo geral, nas escolas, o próprio processo de alfabetização que é correlato com a aquisição dos aspectos ortográficos da língua exclui qualquer possibilidade de interferência da oralidade, permitindo o surgimento de vários desvios no nível da grafia. Com isso, pensando nos textos escritos dos alunos, emergem alguns desvios ortográficos que, segundo Bortoni-Ricardo (2005), estão relacionados, em sua maioria, a aspectos fonológicos já preexistentes na língua. A este respeito, os desvios presentes na escrita dos alunos de caráter fonológico são motivados por uma variedade que os alunos dominam perfeitamente, a variedade presente na modalidade oral.

Observando o que foi exposto acima, entende-se que a questão do fonema /R/, na língua falada, por exemplo, é vasta e permite amplos estudos, uma vez que o fenômeno tem um caráter polimórfico. Os apontamentos feitos acima são deveras importantes para o presente estudo, visto que se defende, nesta pesquisa, a influência da fala na escrita, apontando quanto esse fenômeno polimórfico pode estar presente também no texto escrito, discutindo questões de variação linguística, oralidade e escrita.

Cagliari (1999, p. 124), a este respeito, assevera que “a variação linguística, característica inerente a toda e qualquer língua do mundo,

pode constituir um grande problema para quem está adquirindo o sistema da escrita”. Sendo assim, justifica-se a importância do trabalho do professor com a variação linguística, bem como a discussão sobre a convenção ortográfica sem excluir o papel da oralidade neste processo.

### **O fenômeno do /R/ como objeto de estudo**

Conforme mencionado, o PB se caracteriza pela grande variedade de róticos, que pode ser verificada em início e final de sílaba. Aguilera (2008), nesse sentido, justifica que o /R/ em coda silábica é o fonema que apresenta maior variação no PB devido à imensa faixa territorial do país, bem como à grande variedade dialetal.

Se observarmos, como apontam autores como Costa (2010), o núcleo silábico é preenchido pela vogal. Neste caso, ela pode ser seguida ou precedida de consoante, quando a consoante segue o núcleo silábico, acontecem as principais regras de variação observadas no PB. Dessa forma, a posição pós-vocálica ou de travamento silábico estão sujeitas às diversas realizações com uma forte tendência à não realização.

No que tange ao ensino de Língua Portuguesa, os professores que lidam com o Ensino Fundamental, por exemplo, podem notar claramente o aparecimento de alguns fenômenos decorrentes da oralidade nos textos escritos dos alunos, como a (não) realização do /r/ em posição de coda silábica. Assim, é papel do professor atentar ao desvio cometido pelo aluno, posto que, diferente do que imaginam muitos professores, o tratamento desse fato não deve ser equiparado a desvio como o que se observa em casos em que o aprendiz não tem familiaridade com a convenção ortográfica, como o par “xícara” e “chícara”.

Bortoni-Ricardo (2005), no entanto, destaca que é crucial que o professor aprenda a fazer a distinção necessária entre os desvios de escrita que são recorrentes de interferência de regras fonológicas variáveis e outros que se explicam simplesmente porque o aluno não compreende as convenções da língua escrita. A este respeito, a autora ainda alerta que:

O domínio da ortografia é lento e requer muito contato com a modalidade escrita da língua. Dominar bem as regras de ortografia é um trabalho para toda a trajetória escolar e, quem sabe, para toda a vida do indivíduo (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 274).

Nesse sentido, apoiando nas palavras de Faraco (2005), a Língua

Portuguesa tem uma representação gráfica alfabética alicerçada em uma memória etimológica. Em outras palavras, além de sua unidade sonora, para a determinação gráfica de algumas palavras, usa-se, como critério, sua origem. Com isso, não existe uma constante entre a correspondência entre letra e som, justificando, portanto, a arbitrariedade existente na convenção ortográfica de certas palavras.

Assim, o presente trabalho parte da premissa de que, sendo o fenômeno descrito acima bastante comum na fala dos brasileiros, já atestado em corpus de fala (OLIVEIRA, 1999; MOTA; SOUZA, 2009), também poderá ser observado na escrita dos aprendizes do interior de Minas Gerais, buscando evidenciar a interferência da língua oral no texto escrito. Ainda, reitera-se que a pesquisa tem relevância pelo seu próprio estudo, corroborando as palavras de Bagno (2001, p. 75):

[...] a riqueza da pesquisa está na própria pesquisa, no processo da investigação, na exploração do material, na aplicação das teorias, no levantamento das hipóteses (BAGNO, 2001, p. 75).

## **Metodologia e corpus**

Este trabalho é caracterizado como um estudo de cunho descritivo, posto que se pretende investigar o apagamento e a manutenção do rótico em posição de coda silábica na escrita de aprendizes de duas escolas públicas da cidade de Uberaba-MG. O corpus desta pesquisa foi construído a partir de 70 redações de alunos do Ensino Fundamental II, mais especificamente de alunos do 6º ano.

O corpus foi coletado no âmbito de um projeto maior realizado por um dos autores deste trabalho, em que se buscou atestar a influência da oralidade na escrita, quantitativamente. Para isso, realizou-se a coleta das redações e, na sequência, as ocorrências foram separadas em dois grandes grupos, descritos por Bortoni-Ricardo (2005), sendo que um prevê as ocorrências que se caracterizam pela não familiaridade do educando com a convenção ortográfica e o outro de interferência do hábito de fala para a escrita. A referida pesquisa pautou-se em apenas separar esses dois grandes grupos sem se atentar aos processos fonológicos presentes na interferência dos hábitos da fala para escrita.

Revisitando o corpus, deparou-se com uma série de processos fonológicos. Desses, optou-se pela escolha da queda e manutenção do /R/, posto que o presente fenômeno é muito explorado na fala, ao passo que o mesmo não se dá em texto escrito. Assim, busca-se, com esta

pesquisa, atestar a influência da oralidade na escrita dos alunos, bem como analisar o fenômeno mencionado. Reitera-se, portanto, que a escolha apenas pelos vocábulos verbais se deu, já que é no infinitivo que o /R/ é a mais apagado na fala. Sendo assim, queremos atestar sua recorrência na escrita.

É fundamental destacar que, para realização da pesquisa anterior que forneceu o corpus que servirá de análise para esse trabalho, foram selecionadas duas escolas, sendo uma de região central e outra periférica<sup>2</sup>, na cidade de Uberaba-MG. Feita a seleção das escolas, apresentamos às direções destas o objetivo real da pesquisa, informando que a escola e os alunos terão seus nomes preservados, sendo identificados a partir de códigos. Ainda, destacou-se a importância de o pesquisador fazer a coleta de dados, posto que outro professor, caso soubesse da intenção real da pesquisa, poderia causar certa influência na produção dos alunos. Tal procedimento foi adotado consoante às orientações de Tarallo (2007):

Seja qual for a comunidade, seja qual for o grupo, jamais deixe claro que seu objetivo é estudar a língua tal como é usada pela comunidade ou grupo. Se você inadvertidamente o fizer, ou mais grave ainda, se o fizer conscientemente, é muito provável que o comportamento de seus informantes – já prejudicado pelo uso do gravador e por sua presença – se altere ainda mais, e a pesquisa, conseqüentemente, se torne ainda mais enviesada. Procure, portanto, colocar ao informante os objetivos de sua pesquisa fora do campo da linguagem. Lembre-se também de que, sendo a língua propriedade do grupo estudado, seus informantes poderão se sentir ameaçados e embaraçados (TARALLO, 2007, p. 27).

Além disso, seguindo as normas do Comitê de Ética e Pesquisa, a presente pesquisa está inserida na Plataforma Brasil, com registro de número CAAE 45674115.2.0000.5154. Sendo assim, apenas as redações que tivéssemos a autorização dos pais por meio do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) poderiam ser analisadas. Destaca-se, ainda, que desenvolvemos uma proposta de redação que adequasse ao público que participaria da pesquisa, optando pelo gênero narrativo.

De posse desse material, os textos foram lidos e, posteriormente, selecionadas as ocorrências de apagamento ou manutenção do /R/. Tivemos a autorização de 70 pais, sendo 35 de cada escola. Apenas dois

---

2 Periférica aqui não está sendo utilizado no sentido de periferia, mas sim como periférico e distante da escola de região central, por exemplo.

fatores linguísticos foram levados em consideração na análise, a saber:

- a. Manutenção ou apagamento do /R/ dos verbos;
- b. Dimensão da palavra: monossilábico, dissílabo, trissílabo e polissílabo;

Como o objetivo do trabalho é evidenciar o funcionamento da modalidade oral no texto escrito, justificando a influência da oralidade na escrita, fatores extralinguísticos como idade e escolaridade não foram levados em consideração. Além de ter apenas uma faixa de escolaridade (6º anos), os alunos, de modo geral, têm uma variação muito pequena em relação à idade.

Ainda, conforme orientações do Comitê de Ética e Pesquisa, os nomes das escolas e dos alunos serão preservados. Para garantir total segurança aos participantes, nenhum texto será digitalizado e disponibilizado ao longo do trabalho, as informações que interessam ao pesquisador serão digitadas e os alunos identificados com código como: INF01A e INF02B. As letras A e B são a identificação da escola, sendo A de região periférica e B de região central.

175

## **Análise**

Para a análise, tomando por base o que propõe Tarallo (2007) sobre a ideia de concorrência de variantes na constituição de uma variável, entende-se, portanto, o conceito de variável dependente por diferentes formas de uso da língua cuja seleção por uma ou outra variável depende de alguns ambientes determinados. Portanto, no presente trabalho, tem-se como variável dependente a manutenção do segmento consonântico em posição de coda silábica (cf. exemplo 01) ou o apagamento do segmento também em posição de coda (cf. exemplo 02).

01. “(...) Ganhei o bilhete premiado para viajar para qualquer lugar do mundo” (INF14B)

02. “(...) o bilhete deu o direito pra eu viajaø com um acompanhante...” (INF05A)

Inicialmente, optou-se por apresentar a frequência das ocorrências encontradas. Assim, a Tabela 1, a seguir, mostra a distribuição das

ocorrências do fenômeno encontrado na escrita dos alunos. Conforme

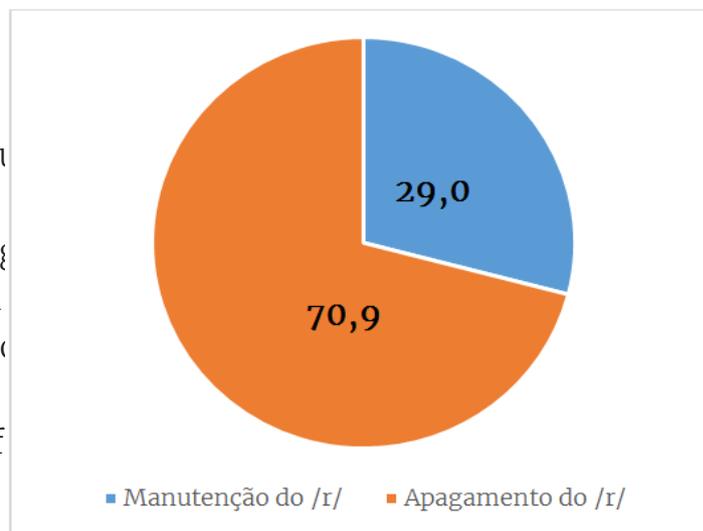
Dados	Manutenção	Apagamento do /r/	Total
Ocorrências	122	298	420
Percentual	29,05%	70,95%	100%

Tabela 1: Distribuição dos dados manutenção x apagamento

Fonte: os au

No {  
recorrência  
manutenção

Gráf



orma nítida, a  
porcentagem, a  
los analisados.

mento

Acima, têm-se concretamente as afirmações feitas anteriormente sobre a distribuição geral das variantes no corpus. O resultado vai ao encontro de diversos outros trabalhos com língua falada que apontam que o número de apagamento do /R/ em posição de coda silábica é

superior à manutenção. Nesta pesquisa, como o foco é o texto escrito, esclarece-se que o aluno transpõe para seu texto hábitos da fala, deixando clara a interferência da oralidade na escrita.

Tais dados levam a considerar o papel da escola nos estudos linguísticos dos indivíduos, uma vez que os professores ignoram a variedade que o aluno traz consigo e a qual domina perfeitamente, a modalidade oral, e apresentam um ensino tradicional e descontextualizado, desconsiderando as fronteiras sutis da fala e escrita. Entre as tendências dos estudos que apontam a relação de continuum entre a fala e a escrita, devemos destacar os trabalhos de Marcuschi (2007), que, sob perspectiva variacionista, sinalizam que:

Trata do papel da escrita e da fala sob o ponto de vista dos processos educacionais e faz propostas específicas a respeito do tratamento da variação na relação entre padrão e não-padrão linguístico nos contextos de ensino formal.[...] O interessante nesta perspectiva é que a variação se daria tanto na fala como na escrita, o que evitaria o equívoco de identificar a língua escrita como a padronização da língua, ou seja, impediria identificar a escrita como equivalente a língua padrão, como fazem os autores situados na perspectiva da dicotomia estrita (MARCUSCHI, 2007, p. 31-32).

No que tange ao continuum entre a fala e a escrita, o autor ainda destaca que as diferenças entre as duas modalidades devem ser apresentadas e definidas pelos usos e não pelo sistema. Além disso, Marcuschi (2007) assegura que as semelhanças entre a modalidade oral e a escrita sobrepõem às diferenças, tanto em aspectos linguísticos, quanto sociocomunicativos.

	<b>Número de Sílabas</b>	<b>Total</b>	<b>Ocorrências</b>
pro	<b>Monossílabo</b>	<b>45</b>	<b>18</b>
silá	<b>Dissílabo</b>	<b>277</b>	<b>231</b>
olh	<b>Trissílabo</b>	<b>88</b>	<b>44</b>
Hoi	<b>Polissílabo</b>	<b>10</b>	<b>5</b>

pesquisas afirmem que o apagamento é comum em vocábulos mais extensos. Neste caso, como houve poucas palavras polissilábicas, isso não sugere um desfavorecimento do apagamento.

Tabela 2: Apagamento do /r/ final em número de sílabas

Dentre os casos dos dados informados acima, destacam-se os seguintes, para as unidades monossilábicas:

- (I) “Eu fui veø o estádio i (...)” (INF25B);
- (II) “Chegue no Japão i fui daø um rolê (...)” (INF32A).

No caso das palavras dissilábicas, com o número elevado de ocorrências, observaram-se algumas como:

- (III) “Eu fui bebeø vários refrigerantes” (INF35B);
- (IV) “Eu fui contaø pra minhas amigas” (INF03A).

As trissilábicas mais comuns que sofreram apagamento foram:

- (V) “Corri pra conheceø a Torre Eifel” (INF11A);
- (VI) “Fui viajaø com meu melhor amigo” (INF19A).

Quanto às polissilábicas, por sua vez, independente da queda ou manutenção, as ocorrências foram baixas, e um dos casos encontrados foi:

- (VII) “Eu quero ir para Nova Iorque autografaø meu livru” (INF24A).

Os dados apresentados deixam claro o funcionamento da modalidade oral no texto escrito. As evidências desse funcionamento ficam claras nesse trabalho, uma vez que o fenômeno analisado é frequente na fala, e os alunos, desconhecendo a inter-relação entre a fala e a escrita, acabam transpondo para seus textos os hábitos comuns da fala. Sobre isso, Abaurre (1988, p. 140) afirma que

as crianças de um modo geral recorrem à oralidade para fazer várias hipóteses sobre a escrita, mas usam também a escrita, dinamicamente, para construir uma análise da própria fala (ABAURRE, 1988, p. 140).

Mais especificamente, Bortoni-Ricardo (2005) esclarece que o presente fenômeno em final de verbos é muito comum no PB, tanto na fala quanto na escrita. A predominância do falante está na supressão do /R/ com mais de uma sílaba. Essa regra, portanto, é variável, podemos realizá-la ou não, de acordo com cada região e palavra. O apagamento é

um processo variável sujeito a condicionamento fonológico (OLIVEIRA, 1983), o que possibilita uma intervenção pedagógica do professor.

A partir disso, como já apontado acima, o papel do professor de Língua Portuguesa é desenvolver um trabalho consciente com a linguagem, observando a variação linguística como um processo que merece atenção especial. Ademais, é fulcral a promoção de atividades que objetivam desenvolver a consciência fonológica dos alunos, buscando o desenvolvimento de atividades diferentes que visem à adequação dos róticos, de modo que os estudantes possam identificar seus diferentes usos e, sobretudo, conhecer o processo variável e refletir sobre sua própria escrita.

É possível assegurar que, embora o aluno apresente em suas redações algo muito diferente daquilo que é convencionado, ele não deixa de produzir uma hipótese. Ainda, é fundamental lembrar que o sistema ortográfico não é convencionado por meio do som produzido pelos falantes. A relação entre grafemas e fonemas traz inúmeras confusões para o processo de aquisição de escrita. O processo de alfabetização é correlato com a convenção do código escrito, exclui qualquer possibilidade de interferência da oralidade, permitindo inúmeras confusões no nível da grafia, justificando, também, os hábitos da fala para escrita.

### **À guisa de conclusão**

Esta pesquisa teve como objetivo observar o fenômeno do apagamento e manutenção do /R/ e discutir, a partir dos dados, a relação entre oralidade e escrita. É possível observar, de maneira clara, que a relação entre fala e escrita é inquestionável. Observou-se, também, em relação à variação, que o apagamento nos textos escritos vai ao encontro de outras pesquisas linguísticas que analisam a língua falada e o comportamento do rótico na modalidade oral. Considerando, conforme propõe Marcuschi (2007), que as semelhanças entre fala e escrita se sobressaem às diferenças, é compreensível a transposição dos hábitos da fala para a escrita.

O conhecimento sobre a variação linguística na fala é muito importante para o processo de letramento. Nesse sentido, justifica-se a importância do trabalho com corpus escrito. É neste aspecto que essa pesquisa é inovadora, posto que os trabalhos anteriores que analisaram o presente fenômeno, na cidade de Uberaba – MG, são apenas em corpus

de língua falada. A pesquisa não buscou trazer nenhuma resposta absoluta ou esgotar as pesquisas acerca do fenômeno.

É papel do professor, portanto, adquirir, por meio de formações continuadas, o conhecimento sobre o condicionamento do processo variável, para possibilitar um trabalho consciente com a oralidade e a escrita, apresentando que não existe uma relação biunívoca entre grafema e fonema. Há uma vasta bibliografia a respeito desse assunto disponível para os professores, como Bortoni-Ricardo (2005), Abaurre (1988), Faraco (2005) e Marcuschi (2001; 2007). Com isso, é fulcral dar sequência aos estudos linguísticos sobre o apagamento do rótico em final de palavras na escrita, ampliando os fatores linguísticos e apresentando novos fatores extralinguísticos. Essas pesquisas contribuiriam com outros trabalhos sobre o tema e possibilitando uma melhoria no ensino de Língua Portuguesa.

Finalmente, destaca-se que o verdadeiro papel do docente que se ocupa da língua no Brasil é capacitar os alunos a serem proficientes em sua própria língua, ou seja, torná-los aptos a adequarem sua forma de expressão, utilizando os níveis linguísticos adequados às situações solicitadas, o que implica o acesso à norma e o respeito às variedades.

## Referências

ABAURRE, M. B. M. O que revelam os textos espontâneos sobre a representação que faz a criança do objeto escrito? In: KATÓ, M. A. (Org.). A concepção da escrita pela criança. Campinas: Pontes, 1988. p. 135-142.

AGUILERA, V. de A. A distribuição dos róticos em coda silábica nos dados do Atlas Linguístico do Paraná – PR: um estudo geolinguístico. In: XXIII ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL. Produção do conhecimento em Letra e Linguística: identidade, impacto e visibilidade. Jul. 2008. Goiânia: Faculdade de Letras, 2008, p. 1-14.

BAGNO, M. Ensinar português ou estudar brasileiro? São Paulo: Parábola, 2001.

BORTONI-RICARDO, S. M. Nós chegamos na escola, e agora?: Sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

\_\_\_\_\_. O Estatuto do erro na língua oral e na língua escrita. Disponível em: <<http://www.stellabortoni.com.br/>>. Acesso em: 02 jul. 2016.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CAGLIARI, L. C. Diante das Letras: a escrita na alfabetização. São Paulo: Fapesp, 1999.

CALLOU, D. Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio

de Janeiro. Rio de Janeiro. 1979.199f. Tese (doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

CALLOU, D; MORAES, J; LEITE, Y. Apagamento do R final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real. Revista D.E.L.T.A. [on-line], São Paulo, vol. 14, n. especial, 1998.

CAMARA JR, J. M. Estrutura da Língua Portuguesa. 15. Ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

COSTA, G. B. O apagamento do rótico em coda silábica na escrita de estudantes catuenses. 2010. 141 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2010.

FARACO, C. A. Escrita e alfabetização. 7. Ed. São Paulo: Contexto, 2005.

LABOV, W. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, Cristina Bratt; TUCKER, G. Richard (eds.). Sociolinguistics: the essential readings. Oxford: Blackwell, 2003. p. 235-250.

\_\_\_\_\_. Padrões sociolinguísticos. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L. A. A oralidade e o ensino de língua: uma questão pouco falada. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva e BEZERRA, Maria Auxiliadora. O livro didático de português: múltiplos olhares. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

\_\_\_\_\_. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

OLIVEIRA, M. B. de. Manutenção e apagamento do /R/ final de vocábulo na fala de Itaiuba. Dissertação de mestrado. Belém: Universidade Federal do Pará, 2001.

OLIVEIRA, J. M. de. O apagamento do /R/ implosivo na norma culta de Salvador. 1999. Dissertação (Mestrado em Letras). – Instituto de Letras/Universidade Federal da Bahia, Salvador.

TARALLO, F. A pesquisa sociolinguística. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

Recebido em: 30 de ago. de 2016.

Aceito em: 18 de dez. de 2016.